

Natalia Czopek  
*Uniwersytet Jagielloński*  
*morenat@gmail.com*

## **As influências linguísticas portuguesas em África fora das fronteiras dos PALOP**

### **Resumo:**

O objetivo principal do presente trabalho é apresentar as zonas de influência da língua portuguesa em África, concentrando-se nos países que não fazem parte do grupo dos PALOP. Faz-se referência ao crioulo de base portuguesa numa zona do Senegal chamada Casamança, à influência do português em Marrocos, no Benim, no Gabão e na África do Sul. Dedicar-se uma análise mais pormenorizada ao quintando, um dos dialetos do quicongo, falado no Congo. Em cada caso, inclui-se uma descrição histórica essencial para traçar uma imagem completa da presença portuguesa em África.

**Palavras-chave:** crioulo, *daríja*, quintando, africânder, influências fora das fronteiras dos PALOP.

### **Abstract:**

**The Portuguese language influences in Africa outside the borders of the PALOP countries**

The main objective of this paper is to present the zones of influence of Portuguese language in Africa focusing on countries that are not part of the group of PALOP (Portuguese-speaking African countries). Reference is made to a Portuguese-

-based Creole spoken in Casamança, an area of Senegal, to the influence of the Portuguese in Morocco, Benin, Gabon and South Africa. A more detailed analysis is dedicated to quintando, one of the dialects of Kikongo, spoken in Congo. In each case, we have included a historical overview essential to draw a complete picture of the Portuguese presence in Africa.

**Keywords:** Creole language, Darija, Quintando, Afrikaans, influences outside the borders of the PALOP countries.

*O idioma é um dos principais fatores de união das pessoas, formando povos, criando culturas e aproximando países<sup>1</sup>.*

A apresentação das zonas de influência da língua portuguesa em África não estaria completa sem serem mencionados os países que não fazem parte do grupo dos PALOP, mas cujos sistemas linguísticos contêm vestígios notórios do português. Além das fronteiras do antigo reino do Gana com o chamado regimento da Mina<sup>2</sup>, encontramos marcas da presença de um crioulo de base portuguesa numa zona do Senegal chamada Casamança e na ilha de Ano Bom, hoje pertencente à Guiné Equatorial. Para além disso, a influência do português observa-se ainda hoje no Benim, no Gabão e na África do Sul. O elemento português, mesmo que reduzido, existe também na língua suaíli<sup>3</sup>, no Congo e até em Marrocos. Opinamos que o caso da ilha de Ano Bom merece

---

<sup>1</sup> J. L. Gabão em [www.terraviva.pt](http://www.terraviva.pt) – 20.08.2013.

<sup>2</sup> Mais informações sobre o regimento da Mina em Birmingham [1999: 25-32]. As influências linguísticas portuguesas no Gana são quase nulas provavelmente pelo facto de a fortaleza ter servido apenas como entreposto no tráfico de escravos que eram, por exemplo, trocados pelo ouro. Sendo, precisamente, um centro importante do comércio do ouro, os contactos entre os poucos portugueses que lá viviam e os habitantes das vilas eram proibidos para evitar comércio ilícito ou contrabando. Em 1637 a fortaleza foi conquistada pelos holandeses.

<sup>3</sup> Cf. Czopek, [2012: 65-74]. Pelo facto de termos dedicado um trabalho

um estudo separado, sendo um exemplo interessante de passagem do mundo lusófono para o mundo hispanófono.

Na região da Senegâmbia, o comércio no século XVII era controlado pelos judeus portugueses que provavelmente utilizavam um *Jewish Trading Latin* que “(...) poderia muito bem ser considerado um grau preliminar da Língua Franca ou, mais tarde, do português crioulo (...)” [Perl, 1982: 8]. Na mesma zona, instalavam-se os chamados lançados ou *tangomaus*, portugueses ou estrangeiros que adaptaram a sua fala, cultura e religião, vivendo no meio dos africanos e servindo de intermediários entre eles e os comerciantes europeus, comerciando, na maioria dos casos, de forma ilegal<sup>4</sup>. Casavam com mulheres africanas, as chamadas *tangomas*, e tinham os chamados filhos da terra (mestiços, mulatos, crioulos) que se tornavam “menos portugueses” a cada geração, mantendo, no entanto, um português criouлизado com a sua língua materna [*ibidem*]. Os *tangomaus* eram acompanhados pelos *grumetes*, auxiliares nativos com os quais exerciam um comércio pequeno e que os ajudavam nos contactos com a população local. Comunicando com eles e com as *tangomas*, utilizavam provavelmente um português simplificado, tornando-se assim o lado produtivo do processo de pidginização. Os indígenas reproduziam o que ouviam de modo ainda mais simplificado, constituindo o lado recetivo do mesmo processo [Honório Do Couto, 1992: 112]. Essa realidade das fortificações portuguesas correspondia, duma certa forma, à das ilhas no interior do continente, favorecendo o mesmo tipo de mudanças linguísticas [Pereira, 2006: 69].

Ziguinchor, a capital da província senegalesa de Casamança, foi aliada dos portugueses durante muitos anos. A cidade cujo nome

---

separado a este assunto, no presente artigo vamos concentrar-nos em outras línguas africanas com influência portuguesa.

<sup>4</sup> Soares [1996: 21] citada por Scantamburlo [1999: 23] citado por Hlibowicka-Węglarz [2013: 98]: “Simples aventureiros, renegados e amadores, mareantes, comerciantes de baixa condição, na mira do enriquecimento, escravos forros, mestiços, judeus ou cristãos novos que procuravam escapar-se às fortes malhas da Inquisição, os lançados constituíram-se como núcleos de fora da lei que escolhiam viver às margens das regras sociais, legais e religiosas da sua civilização de origem, integrando-se entre os negros”.

deriva, de acordo com uma das hipóteses, da expressão portuguesa ‘cheguei e choram’ – porque os nativos pensaram que os vinham escravizar – foi fundada pelos portugueses em 1645 como uma feitoria. O rei do Senegal vivia à moda europeia e, na sua corte, habitavam muitos comerciantes portugueses. A população era constituída pelos *fijus di terra*, descendentes dos portugueses e mulheres Diola, que ainda hoje mantêm os apelidos portugueses como Barbosa, Carvalho, da Silva, Fonseca, etc. e pelos chamados *fijus di fidalgo*, a aristocracia de Ziguinchor. Os *fijus di terra* distinguiram-se dos outros grupos étnicos pelo uso da língua crioula, pela religião católica e pelos hábitos europeus. O crioulo era mais falado pela população e, em consequência, as outras etnias aprendiam-no por ser a língua do comércio. As missões cristãs usavam o crioulo como língua litúrgica. Em 1972, Alexandre afirmou que o vocabulário era na grande maioria português, mostrando a morfossintaxe e a fonologia influências das línguas africanas ocidentais (wolof, serer) e mande (mandinka). Nessa altura, o termo ‘lançado’ já estava em desuso, a palavra *grumete* passou a indicar um habitante extramuros e *tangoma* o feminino do *grumete*.

Apesar de o Senegal ter passado a ser colónia francesa em 1886, nos anos sessenta do século XX 83% da população falava o crioulo de base portuguesa e 71,4% tinha-no como língua materna. Depois da independência, começou o declínio do crioulo de Ziguinchor que passou a ser secundário ao wolof. Contudo, os habitantes da capital de Casamança continuaram a ser conhecidos como *les portuguais*. O crioulo falado em Ziguinchor, atualmente entre as camadas mais idosas da cidade, é do mesmo tipo que o da Guiné-Bissau, mas com vários termos crioulistizados do francês, sendo inteligível, no entanto, mesmo com os crioulos cabo-verdianos. Todos esses crioulos fazem parte do grupo africano ocidental, proveniente provavelmente de um protocrioulo comum. A influência do crioulo guineense fez-se sentir também depois da segunda guerra mundial, quando cerca de noventa mil emigrantes da Guiné e de Cabo Verde vieram para o Senegal. Observem-se alguns vocábulos de origem portuguesa no crioulo de Casamança: *artison* (artesão), *disa* (deixar), *djanta* (jantar), *fresku* (fresco), *dur* (dor), *feru* (ferro), *gudja* (agulha), *fós* (fósforo), *falesi* (falecer), *kalker* (qualquer),

*kunbersa* (conversar), *kutubel* (cotovelo), *lárguma* (lágrima), *lan* (lã), *lingu* (língua), *midida* (medida), *midju* (milho), *mirisi* (merecer), *mindjer* (mulher), *mindjor* (melhor), *nbarkason* (embarcação), *ngasta* (gastar), *otxa* (achar), *paransa* (esperança), *pobri* (pobre), *pulgatori* (purgatório), *ralu* (raro), *sedu* (cedo), *sinora* (cenoura), *simiteri* (cemitério), *txoba* (chuva), *udju* (olho), etc.<sup>5</sup>

No Benim, o forte São João Baptista de Ajudá foi construído pelos portugueses em 1680 e pertenceu a Portugal até 1961. O português era, por decreto do rei do Benim, a única língua estrangeira que podia ser ensinada ou escrita no reino. A influência dos descendentes de portugueses na corte era muito forte e algumas famílias, como os de Souza, tinham um prestígio enorme. O rei sabia falar português, de tal forma que todas as cartas que enviava para o estrangeiro eram escritas em português. A maioria das famílias luso-descendentes residia em Ajudá, principalmente num bairro com casas de traça portuguesa. No forte foi instituída uma escola portuguesa e todos os habitantes, no seu dia-a-dia, comunicavam em português. Em 1985, o forte de Ajudá foi restaurado e instalou-se ali um museu que mostra os vestígios da influência portuguesa bem observáveis até hoje.

Dos vocábulos de etimologia portuguesa podem-se enumerar uns topónimos, como Porto Novo, a denominação que a capital do Benim guarda, até hoje, em detrimento dos seus dois nomes tradicionais (Hogbonou e Adjacê); vários nomes e sobrenomes cujos portadores são designados com a palavra *agudá* ou como “os brasileiros”, como Bandeira, Prudêncio, de Medeiros, Cândida, Cesário, Domingos, Martins, etc.; e a famosa forma de cumprimentar *como passou?* que ainda se pode ouvir nas ruas e à qual se responde *bem, brigado*. Milton Guran [2000: 1]<sup>6</sup>, descrevendo a presença dos brasileiros no Benim nos séculos XVIII e XIX, fala até de uma colonização informal. Na primeira etapa, estabeleceram-se lá brasileiros brancos, traficantes de escravos que se misturavam com mulheres nativas. A segunda etapa começou em 1835 com a chegada maciça dos antigos escravos,

<sup>5</sup> Muitos mais exemplos podem ser consultados em Rougé [2004: 371-385].

<sup>6</sup> Cf. também Guran [2002: *passim*].

de diferentes origens, e dos seus descendentes a voltarem do Brasil. A sua reinserção na sociedade africana tornou-se bastante complicada. Sendo diferentes dos outros na sua maneira de se vestirem como os brancos, tendo “maneiras de branco”, sendo católicos, muitas vezes alfabetizados, exercendo várias profissões e falando português, desprezavam os africanos como primitivos e selvagens e, ao mesmo tempo, eram desprezados como descendentes dos escravos. Mais tarde, o seu português saiu de uso por causa da imposição da colonização francesa e pela falta de relações com o Brasil. No entanto, permaneceram cultivadas algumas tradições, como o carnaval, a festa do Nosso Senhor do Bonfim ou comer feijoada.

Quanto ao Gabão, um linguista francês Robert Reynard encontrou vários vocábulos e topónimos de origem portuguesa nas línguas autóctones como o vili, o orugu e o mpongué, por exemplo: *Cap Esteirias* < Cabo das Esteiras, *brana* < varanda, *fayete* < alfaiate, *fêtiche* < feitiço, *finete* < alfinete, *fisdela* < frigideira, *kada* < escada, *kadela* < cadeira, *karsa* < calça, *kueia* < coelho, *kuvalo* < cavalo, *lalanza* < laranja, *mbotau* < botão, *mpa* < pau, *mpipa* < pipa, *ngode* < bigode, *tuaia* < toalha [Moraes Barbosa, 1968: 129]. É provável que alguns destes vocábulos tenham entrado nas línguas nacionais por meio dos crioulos africanos de base portuguesa. Além dos exemplos acima citados, não se detetaram outros traços da influência do português no Gabão. No entanto, pode-se citar aqui um relato surpreendente sobre a inteira zona da Guiné escrito já em 1594 por um capitão crioulo André Álvares de Almada:

Está nesta aldeia uma povoação de negros Sapes... Entre estes negros andam muitos que sabem a nossa língua portuguesa e andam vestidos ao nosso modo... O Rei que hoje reina chama-se Ventura Sequeira; sabe ler e escrever por se criar na Ilha de S. Tiago. Os mais dos negros da sua aldeia são cristãos; os meninos que nela nascem a todos manda baptizar e todas as noites se ensina a doutrina cristã em sua aldeia em voz alta, onde também acodem alguns filhos de alguns negros ladinos da terra, posto que não sejam cristãos (...) os negros desta aldeia são muito entendidos e práticos na nossa língua [Neto da Silva, 1957: 131].

Já na fase inicial da colonização houve africanos a quem foi ensinada a língua portuguesa para servirem de tradutores. O Reino do Congo constitui um caso excecional da difusão do português, já que o rei português D. João II para ali enviou “mestres de ler e escrever”; como resultado, nasceu uma correspondência entre os chefes congolese e os portugueses na qual as partes se tratavam por irmãos, facto que coincidiu com a concessão de títulos de nobreza aos mais notáveis das cortes de Manicongo e Manisongo. Em 1504, seguiram para o Congo muitos “mestres de ler e escrever” para aí abrirem “escolas onde instruísem meninos” e levaram consigo “muitos livros de doutrina cristã”. Ficamos também a saber que em Portugal, em Lisboa, se criou um seminário para africanos e ameríndios, frequentado pelos filhos e familiares do rei do Congo, pelas castas superiores desse reino e por jovens que vieram para Portugal a fim de se educarem na área de letras e na fé cristã. A presença portuguesa no Congo manteve-se até ao século XIX, sobretudo no comércio exercido pelos chamados pombeiros, agentes africanos ou mulatos que viviam nas chamadas feiras, guardadas pelos soldados portugueses, e viajavam ao longo das rotas comerciais com caravanas, chegando até ao reino de Kazembe no meio do continente e entrecruzando-se com comerciantes árabes de língua suaíli [Oli-ver, Atmore, 2007: 91-93].

A língua portuguesa deixou os seus vestígios em forma de várias importações que permaneceram até hoje nas línguas indígenas do Congo. Um bom exemplo é o quintando, um dialeto quicongo oriental, falado na região de Kisantu. Este caso é muito interessante sobretudo porque o domínio português na zona do Congo acabou com a chegada dos franceses mas as influências linguísticas sobreviveram até aos nossos dias. Os vocábulos importados colocam-se em vários âmbitos da vida. Repare-se que a maioria deles encontra-se no âmbito da cultura material, no domínio das atividades agrícolas e alimentação. O pequeno número das importações relacionadas com a vida espiritual explica-se por se ter feito a evangelização, desde o fim do século XIX, em francês e em quicongo. As palavras de origem portuguesa fixaram-se nos âmbitos seguintes:

- homem e a saúde: *n-láatu* < mulato; *lupitáalu* < hospital; *nsáalu* < sal;
- vida espiritual e intelectual: *dyáabulu* < diabo; *kátékisimu*, *kátikísimu* < catecismo; *katodíka* < católico; *Kidísítu* (antiquado), *Krísu* < Cisto; *kulúnsi* < cruz; *kisakalameénto* < sacramento; *mísa* < missa; *saántu* < santo; *Sààtana*, *Sátána*, *Sátana* < Satanás; *sikóóla* < escola;
- vida social, moedas, medidas: *koónta* < contar; *kupésa* < pesar; *kuvíta* < convidar; *kilumiingu* < domingo; *mételo*, *métalo* < metro; *minúta*, *munúta* < minuto; *mpáku* < pago; *ndó* < dom; *ndóona* < dona; *pálába* < palavra; *sáabala*, *kisáaba*, *sábato*, *kisábato* < sábado; *woóla* < hora;
- nomes próprios, gentílicos e topónimos: *Ndó Mbedi*, *Ndó Mbele*, *Yáábedi* < Abel; *Ndó Fúúnsu*, *Lufóonsi*, *Yááfúúnsu* < Afonso; *Ndó Lúvwalu*, *Luvwálu* < Álvaro; *Ndó Ntoni* < António; *Dáávidi* < David; *Zabéela* < Isabel; *Ndó Nzwaawu*, *Zwáawu* < João; *Zózê* < José; *Ndóóná Mádiya*, *Mádiya* < Maria; *Ndó Póólo,-u*, *Póólo,-u* < Paulo; *Ndó Mbasi*, *Basi* < Sebastião; *Medíka* < América; *Mpúto* < Portugal; *mpútúlúkéesu*, *lukéesu* < português; *ngelési*, *mungelési* < inglês;
- profissões, trabalho: *dókútóolu* < doutor; *fwáyéeta* < alfaiate; *kápíta* < capitão; *kúsínyéelo* < cozinheiro; *púdísi* < polícia;
- alimentação, agricultura, animais: *bóola*, *sábóola* < cebola; *búlúku* < burro; *dibata* < pato,-a; *diláala*, *dilálánsa* < laranja; *dimpá* < pão; *fadína* < farinha; *fiumu* < fumo; *káfi* < café; *lóosu* < arroz; *lumaántu* < tomate; *manteka* < manteiga; *m-váalu* < cavalo; *nánássa*, *nánási* < ananás; *nkoófi* < couve; *sáálata* < salada; *súkáadi* < açúcar; *vínu* < vinho;
- vestidos, tecidos, calçados: *nsampátu* < sapato; *véliulu* < veludo; *kwélénti* < colete; *búni* < boné;
- a casa e a vida doméstica: *fófólo* < fósforo; *kikaála* < escada; *kipéelo* < espelho; *luzyoólu* < tesoura; *méesa* < mesa; *néela* < janela; *nsáaku* < saco; *nsábi* < chave; *nzába*, *sabúni*, *zabúngu* < sabão; *pítílô* < petróleo;
- objetos e produtos diversos: *bendíla* < bandeira; *diínta* < tinta;



*góolu*, *wóolu* < ouro; *kilápi* < lápiz; *lutáálutu* < retrato; *mbángala*, *vingáadi* < bengala; *ndóváayi* < navalha; *nguíya* < agulha; *pepée-la* < papel; *tulumbeéta* < trombeta [Bal, 1979: 100-105].

É essencial salientar que quase todas as palavras pertencem à classe dos substantivos. A quase ausência de adjetivos explica-se por as aquisições serem essencialmente de objetos ou produtos. A maior parte dos vocábulos importados seguiu o comportamento morfosintático das palavras nativas mas manteve o sentido original. Noutras podem averiguar-se casos de mudança, restrição e extensão da significação:

- mudança da significação: *fofólo*, de ‘fósforo’, para ‘caixa de fósforos’; *meésa*, de ‘mesa’, para ‘refeitório’; *pálába*, de ‘palavra’, para ‘pleito, discussão’; *mpaláta*, de ‘prata’, para ‘medalha religiosa’ [ibidem: 141];
- restrição ou especialização semântica: *nkoófi*, de ‘couve’, para ‘certa variedade de couve’; *fadína*, de ‘farinha’, para ‘farinha para panificação’; *ndóváayi*, de ‘navalha’, para ‘navalha de barba’; *nsáalu*, de ‘sal’, para ‘sal purgativo’ [ibidem: 142];
- extensão ou generalização semântica: *kópa*, de ‘copo’, para ‘qualquer vaso para beber’; *kilápi*, de ‘lápiz’, para ‘qualquer instrumento para escrever’; *nsampátu*, de ‘sapato’, para ‘calçado’; *Mpútu*, de ‘Portugal’, para ‘Europa’ [ibidem].

É igualmente importante revelar os pormenores da influência da língua portuguesa no vocalismo e no consonantismo do quintando. A adaptação do sistema vocálico português a um sistema mais pobre levou à redução do número das distinções vocálicas. Em consequência, acontece confusão de timbres, desnasalação ou passagem dos ditongos a vogais simples, tanto na sílaba tónica do português, como nas átonas. O outro fenómeno é uma certa instabilidade no timbre das vogais átonas do português. Não obstante, o campo das mudanças mais numerosas e típicas é o consonantismo. A seguir, apresentam-se alguns exemplos das características do sistema vocálico e consonântico do quintando que originaram a chamada reestruturação silábica:

- desnasalação das vogais e redução dos ditongos: sabão > *sabúni*; bandeira > *bendíla*;

- as consoantes iniciais mantiveram-se inalteradas ou sofreram a prótese de um elemento consonântico nasal: copo > *kóopu*; trombeta > *tulumbeétá*; pago > *mpáku*; dona > *ndóona*;
- formação de nexos consonânticos em posição inicial e intervocálica: Afonso > *Fuúnsu*; anjo > *wáánzyo*; bengala > *mbángala*;
- manutenção de quase todas as surdas em posição intervocálica e ensurdecimento das sonoras: casa > *kassa*; camisa > *kamissa*;
- passagem de ‘v’ para ‘b’: chave > *nsábi*; palavra > *pálaba*; virar > *bilá*;
- substituição do ‘r’ pelo ‘l’: arroz > *lóosu*; burrico > *búlúku*; Rosa > *Loósa*; negrito > *nenglito*;
- confusão no uso de ‘l’ e ‘d’: veludo > *véliulu*; sábado > *sáabala*; escada > *kikaálá*; católico > *katodika*; polícia > *púdisi*;
- redução dos grupos consonânticos à única consoante ou a vogais simples: fósforo > *fófólo*; cartucho > *tuúsa*;
- prótese de semiconsoante, que transforma a estrutura silábica inicial de V para CV: anjo > *wáánzyo*, Afonso > *Yááfúúnsu*;
- aférese da vogal inicial e eventualmente da consoante seguinte, que reduz o número de sílabas e elimina as estruturas silábicas V e CV: açúcar > *sukáadi*; inglês > *ngelési*; cebola > *bóola*;
- vogais epentéticas: metro > *méetelo*;
- disjunção de grupos consonânticos, por epêntese vocálica ou metátese: posto > *póósita*; escola > *sikóóla*; retrato > *lutáálutu*; purgante > *púlúkáanti*;
- queda da consoante final e a paragoge vocálica: lápis > *kilápi*; contar > *koónta*; cruz > *kulúnsi*;
- apócope, que reduz o número de sílabas: Dom Francisco > *Ndó Fula*; laranja > *diláala*; Portugal > *Mpútu*; Pataco > *m-pátá* [*ibidem*: 133-134].

Esta reestruturação da sílaba e da palavra encontra-se largamente difundida no “negro-português” e nos falares crioulos de várias origens. Contudo, não atingiu o mesmo grau de realização em todos os falares: há falares que a praticam de modo parcial (os crioulos cabo-verdianos), há outros que apenas tendem para ela (o *kriyól* do Senegal), e outros que a generalizam, quer com poucas exceções (os

crioulos do golfo da Guiné), quer sem exceção nenhuma (na área congo-angolana).

Para completarmos as informações sobre a presença portuguesa em África fora das fronteiras dos PALOP, devemos mencionar ainda o reino de Marrocos, mesmo tendo em conta a muito reduzida influência linguística portuguesa. A expansão portuguesa nessa zona teve sempre subjacente uma política de ocupação territorial. Assim, Portugal ocupou uma série de lugares ao longo da costa marroquina: Ceuta, Sta. Cruz do Cabo de Gué (Agadir), Mogadouro, Safim, Azamor, Mazagão, Aguz, Arzila, Tânger, etc. [Oliveira, 1999: 106]. O chamado período português durou de 1415 a 1550. Em 1640 e 1663, respetivamente, Ceuta e Tânger foram cedidas a Inglaterra. Mazagão permaneceu portuguesa até 1769 quando o Marquês de Pombal ordenou a sua evacuação na sequência do tratado de paz com o sultão Mohammed III<sup>7</sup>. Os historiadores, na maioria dos casos, avaliam a presença portuguesa em Marrocos como tendo sido um fracasso, sendo a batalha de Alcácer Quibir a última manifestação do expansionismo português [Vidal, 2008: 137-138]. Observem-se algumas palavras de origem portuguesa no dialeto de Marrocos, a chamada *darija*, que se referem por exemplo a peças de vestuário, como *qami-ja* (camisa), *saia* (saia), *sabate* (sapato), *randa* (renda); ao mobiliário e aos utensílios, como *qabeta* (gaveta), *garro* (cigarro), *mário* (armário), *qarrossa* (carroça); ou ainda outros termos importantes durante a presença portuguesa, como *brassa* (praça) ou *dutur* (doutor) [Mendes Paula, 2010]. Infelizmente, as poucas palavras de origem portuguesa ainda existentes na *darija* marroquina tendem a desaparecer, subsistindo ainda no vocabulário dos habitantes mais idosos, sobretudo nas zonas rurais.

---

<sup>7</sup> Cf. Vidal [2008: *passim*]. O Autor descreve a extraordinária história da fortaleza marroquina de Mazagão cujos habitantes foram obrigados a abandoná-la e, passando por Lisboa e Belém no Brasil, a estabelecer-se na Nova Mazagão especialmente construída para este fim à beira do rio Amazonas. É uma descrição comovente de uma longa viagem de transição que durou vários anos, levou à transformação da inteira sociedade e fez com que não fosse possível reconstruir a cidade tal e como ela era em Marrocos.

Viajando mais para o sul, na África do Sul, além dos padrões portugueses, dos quais o mais antigo, o Padrão de Santo António, foi erguido por Bartolomeu Dias em 1488, alguns traços do português encontram-se ainda no africânder, a língua considerada por muitos como um semi-crioulo [Mesthrie, 2002: 87]. Não foram precisamente os portugueses que colonizaram o território da atual República Sul-Africana, mas sim os holandeses e, mais tarde, os ingleses, apesar de os princípios da presença europeia na África Austral terem sido portugueses [Birmingham, 1999: 7-11]<sup>8</sup>. Contudo, a língua que os colonizadores falavam com os seus escravos, quando eles ainda não compreendiam o holandês, era a língua franca portuguesa, uma espécie de crioulo português, misturado com palavras das línguas bantu e malaias, que tinha sido criado nas costas do Golfo da Guiné e nas plantações e que, mais tarde, se divulgou ao longo de todos os rumos marítimos. Segundo a teoria de Hesseling, um linguista holandês, a língua franca portuguesa, chamada de ‘malaio-português’, foi tão popular no Cabo no século XVIII que influenciou o holandês e o crioulizou. Hesseling afirma que praticamente toda a população era bilingue numa certa altura, até mesmo os khoikhoi<sup>9</sup> que são os indígenas da África do Sul. Este bilinguismo foi a causa do nascimento do africânder. Os brancos e os seus criados, que falavam o crioulo português, uma língua muito simplificada, começaram a simplificar também o holandês que, assim, contribuiu para a formação do africânder [Valkhoff, 1964: 4]<sup>10</sup>. Esta teoria foi criticada sobretudo pe-

---

<sup>8</sup> A presença portuguesa limitou-se, no princípio, a visitas passageiras no caminho da Ásia. No entanto, cinco séculos mais tarde, a cidade do Cabo tornou-se um dos destinos principais da emigração portuguesa.

<sup>9</sup> Os khoikhoi, ou seja, os pastores do grupo khoisan foram chamados pelos colonizadores de hotentotes, palavra que em holandês significa ‘gago’, provavelmente por não conseguirem reproduzir a sua língua. O termo é considerado atualmente como pejorativo.

<sup>10</sup> Cf. também Mesthrie R. [2002: 14, 82, 94]: O autor menciona que antes de 1652 naquela zona era usado um jargão baseado em inglês com palavras do português e do holandês. Alguns escravos, sobretudo de Angola e Moçambique, usavam um certo tipo de crioulo português; outros uma variante mais ou menos

los linguistas bures, por razões raciais. Além disso, nos séculos XVII e XVIII a colónia do Cabo era tanto multirracial como multilinguística e os khoikhoi iam-se tornando um fator cada vez mais influente. Segundo outros linguistas<sup>11</sup>, são as línguas nativas dos khoikhoi que devem ter dado a principal contribuição para a mudança da língua dos brancos. Além disso, Hesselning utilizava como base a língua portuguesa de Tugu que estava na última fase do processo de malaização, mas foi provavelmente o crioulo dos séculos XVII e XVIII que deve ter tido um maior número de elementos portugueses [Valkhoff, 1968: 53]. Valkhoff [Veloso, 1967: 69] afirma que a generalidade dos escravos trazidos do Oriente não falavam malaio-português mas um português simplificado. Veloso [1967] concorda que a língua franca que se usava no século XVII era uma espécie de baixo português.

Da sociedade do Cabo faziam parte ainda os chamados *Mardijkers*, representantes duma classe de mulatos libertos de Batávia, que se vestiam à portuguesa, eram católicos secretos mas assistiam aos serviços das igrejas protestantes por falta de sacerdotes católicos e falavam malaio e língua franca. Hoje em dia, os seus descendentes são chamados de Slamaiers, falam afrikaans mas ainda se podem ouvir algumas expressões portuguesas nas suas conversas do dia-a-dia [Valkhoff, 1964: 4].

No século XVII o português era ainda uma língua mundial: na própria Holanda existiam relações comerciais com Portugal, viviam judeus portugueses, os missionários iam para a Batávia... Em 1685, o Padre Guy Tachard, com cinco outros missionários, fez uma visita ao Cabo. Foram muito bem recebidos por H. A. van Rheede, Comissário-

---

khoinizada do malaio mas a maioria empregava as formas jargonizadas do holandês. O autor menciona também que a linguagem chamada de Cape Dutch pidgin continha influências lexicais portuguesas como a palavra *maskie*, ‘se calhar, (mesmo) se’, derivada do português mas que, que tinha uma função modal de indicar incerteza: *Maski ik wil dat bloed ook wel drinken, dan word ik sterk* (Se calhar vou também beber aquele sangue, depois torno-me mais forte), ou a indicação do aspeto perfeito e da realização duma ação por meio da expressão (al) *gedaan* que funcionava do mesmo modo como o *ja* em Cape Creole Portuguese.

<sup>11</sup> Cf. Veloso [1967], Valkhoff [1964].

-Geral da Companhia, que conversou com eles em português. P. Tachard tomou contacto com a comunidade católica clandestina, confessando muitos em português e outras línguas [Veloso, 1967: 77].

Como efeito dessa situação bastante complicada, não se podem ignorar algumas características que o africânder deve ao português como a dupla negação, que não aparece no holandês; no africânder podem-se encontrar diversas palavras e topónimos de origem portuguesa: *nooi* (noiva), *kassie* (caixinha), *parra!* (para!), *bira-bira!* (vira-vira), *tjappa!* (chapa, ir de chapa, ir de frente), *bankoe*, *bangkoe* (banco, termo marinho), *brakoe* (buraco), *baka* (vaca), *kawalloe* (cavalo), *kraal* (corral), *peesje kawalloe* (peixe cavalo), *palawer* (palavra), *piering* (pires), *pikkenien* (pequenino, criança), *sambreel* (sombreiro, ou do inglês *umbrella?*), *tronk* (tronco, prisão), *pa* (pai), *paai* (velho escravo, velho de cor), *ma*, *maai* (mãe), Província do Natal, Baía de Saldanha, Baía de Santa Luzia, Baía da Lagoa, Cabo das Agulhas, Angra Pequena, etc. [Valkhoff, 1968: 54]. Os holandeses não desprezavam a língua franca portuguesa. Se houve tentações de erradicá-la, foi só por motivos de prestígio. No lugar do idioma de Portugal, as autoridades pretendiam implantar o holandês. Apesar disso, o português continuou a ser falado, contra a lei, por vezes até muito tarde.

Concluindo, a língua portuguesa, ao longo da história, teve a posição de um idioma que facilitava a comunicação em muitos países de África. Pode-se constatar que o português foi a língua da unidade interétnica e intercultural ao longo de muitos séculos e, se se colocar em prática uma política linguística apropriada, é capaz de manter essa posição.

### Referências bibliográficas

- ALEXANDRE, P. (1972), *An introduction to languages and language in Africa*, Heinemann, London.
- ARENAS, F. (2011), *Lusophone Africa. Beyond independence*, University of Minnesota Press, Minneapolis.
- BAL, W. (1979), *Afro-Românica Studia*, Edições Poseidon, Albufeira.

- BIRMINGHAM, D. (1999), *Portugal and Africa*, Ohio University Press, Athens (Ohio).
- CZOPEK, N. (2012), “Algumas observações sobre a influência do português sobre o suaíli”, em: Dybeł, K. [et al.] (eds.), *Pensées orientale et occidentale: influences et complémentarité. Études réunies*, Księgarnia Akademicka, Kraków, pp. 65-74.
- GURAN, M. (2000), *Agudás: Os brasileiros do Benin*, Nova Fronteira / EGF – Editora Gama Filho, Rio de Janeiro.
- GURAN, M. (2002), “De bricolagem da memória à construção da própria imagem entre os agudás do Benim”, [on line] [http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia\\_n28\\_p45.pdf](http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia_n28_p45.pdf) – 21.08.2013.
- HLIBOWICKA-WĘGLARZ, B. (2013), *Portugalskie języki kreolskie w Afryce*, UMCS, Lublin.
- HONÓRIO DO COUTO, H. (1992), “Lançados, grumetes e a origem do crioulo português no noroeste africano”, em: D’Andrade, E., Kihm, A. (eds.), *Atas do Colóquio sobre crioulos de base lexical portuguesa*, Colibri, Lisboa, pp. 109-122.
- MAŁOWIST, M. (1976), *Konkwistadorzy portugalscy*, Państwowy Instytut Wydawniczy, Warszawa.
- MENDES PAULA, F. (2010), “Influências do português na darija marroquina”, [on line] <http://aventar.eu/2010/09/18/a-influencia-do-portugues-na-darija-marroquina-alguns-exemplos> – 23.09.2013.
- MESTHRIE, R. (2002), *Language in South Africa*, Cambridge University Press, Cambridge.
- MORAIS BARBOSA, J. (1968), *A Língua Portuguesa no Mundo*, Sociedade de Geografia, Lisboa.
- NETO DA SILVA, S. (1957), “Breves notas para o estudo da expansão da língua portuguesa em África e Ásia”, *Revista de Portugal*, série A, 22, Lisboa, pp. 129-147.
- OLIVEIRA, A., de [et al.] (1999), *História dos descobrimentos e expansão portuguesa*, Universidade Aberta, Lisboa.
- OLIVER, R., ATMORE, A. (2007), *Dzieje Afryki po 1800 roku*, Książka i Wiedza, Warszawa.
- PEIXOTO FONSECA, F. V. (1985), *O português entre as línguas do mundo*, Livraria Almeida, Coimbra.

- PEREIRA, D. (2006), *Crioulos de base portuguesa*, Caminho, Lisboa.
- PERL, M. (1982), "Acerca de alguns aspetos históricos do português crioulo em África", *Biblos*, 58, pp. 1-12.
- ROUGÉ, J. L. (2004), *Dictionnaire étymologique des créoles portugais d'Afrique*, Karthala, Paris.
- SCANTAMBURLO, L. (1999), *Dicionário do Guineense : Introdução e notas gramaticais*, vol. 1, Colibri, Lisboa.
- SOARES, M. J., (1996), *Os lançados nos contactos euro-africanos nos rios da Guiné: século XVI – meados do século XVIII*, IICT, Lisboa.
- VALKHOFF, M. F. (1964), *África do Sul e Portugal*, Tipografia das Missões Católicas, São Tomé.
- VALKHOFF, M. F. (1968), "Algumas reflexões sobre os dialetos crioulos", *Boletim mensal da Sociedade de Língua Portuguesa*, Lisboa, pp. 49-60.
- VELOSO, F. J. (1967), "Português, crioulo e afrikaans", *Revista de Portugal*, série A, 32, Lisboa, pp. 59-78.
- VIDAL, L. (2008), *Mazagan. Miasto, które przepłynęło Atlantyk*, Państwowy Instytut Wydawniczy, Warszawa.